

ARRANJOS DA CENA MUSICAL DE IMPERATRIZ

**Suplemento
Cultural do
Zine Sibita**

**EDIÇÃO
NÚMERO 3**

DEZEMBRO
DE 2025



NO BALANÇO DE
TODOS OS RITMOS

Quando você acompanha um show em um bar ou festival, canta a plenos pulmões os sucessos, dança com desenvoltura, faz guitarra imaginária, pode não imaginar todos os bastidores que garantem um espetáculo de qualidade. Nesta edição do Sibitão, a missão dos repórteres foi mergulhar no universo da música em Imperatriz, um dos maiores patrimônios culturais da cidade, trazendo a perspectiva dos artistas e produtores.

Os estudantes foram divididos em duplas, responsáveis por oito editorias, com a tarefa de radiografar uma ou mais cenas musicais específicas que agitam o município e as regiões mais próximas. Foram ouvidos representantes da MPB; samba e pagode; gospel; reggae; sertanejo e pisadinha; forró, brega e seresta; rap; rock e pop. A produção ficou por conta dos acadêmicos do sexto semestre de Jornalismo da UFMA de Imperatriz, na disciplina Jornalismo Impresso II e foi desenvolvida sob a coordenação dos professores Alexandre Maciel e Yara Medeiros.

O processo editorial seguiu a tradição do Sibitão, de sempre focar em um assunto específico a cada edição impressa vinculado ao projeto Sibita, que envolve também zine, site, podcast e produtos audiovisuais. No número 1, publicado em 2023, o tema foi a radiografia de expressões artísticas de Imperatriz, como teatro, música e o movimento geek. Já o número 2, de 2024, focou na memória das artes da cidade, promovendo uma viagem no tempo aos anos 1980 e 1990 do século passado.

Nesta terceira edição, as fontes responderam sobre como se configuram os espaços para shows e festivais, gravações de músicas autorais, preferências do público, formas de divulgação e expectativa para o futuro da cena em Imperatriz. Mais uma vez, além do trabalho de reportagem aprofundada, outra característica da publicação está presente nas páginas: experimentar uma diagramação mais liberta e criativa, explorando, por exemplo, a técnica das colagens digitais.

Venha conhecer a engrenagem que move o gênero musical que você mais aprecia, com detalhes do cenário regional.

Boa leitura!

SIBITÃO - SUPLEMENTO CULTURAL DO ZINE SIBITA

Nº 3 - DEZEMBRO DE 2025 - IMPERATRIZ - MA

SIBITÃO é um suplemento cultural do projeto laboratorial multimídia Zine Sibita, que contempla o site www.zinesibita.ufma.br, o perfil @zinesibita e o fanzine artesanal Sibita, coordenado pela professora Yara Medeiros, do grupo de pesquisa LoveLabCom (Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa - @lovelabcom).

COORDENAÇÃO
E EDIÇÃO

DOS PROFESSORES

Alexandre Maciel
Yara Medeiros

CHEFE DE REPORTAGEM

Alexandre Maciel

PROJETO GRÁFICO E
COORDENAÇÃO

DE DESIGN EDITORIAL

Yara Medeiros

TEXTOS E DIAGRAMAÇÃO

Turma da disciplina
Jornalismo Impresso II
(2025.2) com o professor
Alexandre Maciel

ILUSTRAÇÕES
DO MASCOTE SIBITA

Lucas Filemom
Natalia Catherine

CAPA

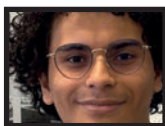
Lucas Filemom
Yara Medeiros

CURSO DE JORNALISMO
UFMA - IMPERATRIZ

Centro de Ciências
de Imperatriz (CCIM)

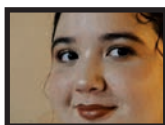
As informações aqui contidas
não representam a opinião da
Universidade Federal do Maranhão.

REPÓRTERES DESTA EDIÇÃO



BRUNO GOMES

Estudante de Jornalismo, servo de Deus, apaixonado por escrever textos humanizados, amante de design com arte abstrata.



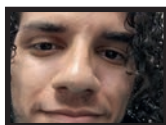
CAMYLE MACATRÃO

Apaixonada por comunicação e todo tipo de arte, estou sempre à procura de belas coisinhas pequenas, mas que se olhar um pouco são imensas.



GABRIEL JORDAN

Cada batida da música é um pedaço do coração falando aquilo que a voz nem sempre consegue dizer.



IAGO SOUSA

Como dizia Alcione: "Não deixe o Samba morrer".



IVANILDE FIRMO

A verdadeira medida de uma pessoa não está nas suas conquistas, mas na forma como ela enfrenta os desafios com coragem e perseverança.



JACQUELINE NASCIMENTO

Determinada e sempre buscando ser melhor do que ontem.



LAÉCIO RODRIGUES

Jornalismo no volume máximo e a verdade sem distorção. Movido a café, prazos e rock n' roll.



LARA SOFIA

Sou doce, dengosa, polida.



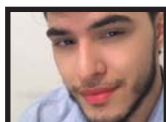
LUANA RODRIGUES

Amo animais, fotografia e Jornalismo e, se dependesse de mim, minha vida teria uma trilha sonora perfeita, igual nas séries.



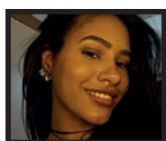
LUIZA CRUZ

Quando a voz me falha, a escrita me traduz.



PAULO RAYAN

Desistir nunca pode ser uma opção.



RENATA SOUSA

Filha da massa regueira de Imperatriz, vê no jornalismo a força que ilumina e devolve espaço às vozes historicamente silenciadas



RITA MARIA SOUSA

Contar histórias sempre foi uma das minhas melhores versões, e o jornalismo me permite fazer isso de várias formas.



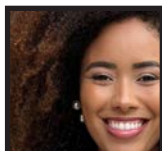
STEPHANY APOLINARIO

Eu? Amo viajar, mas não tenho dinheiro; leitora de romance, mas não vivo; uma observadora que fala mais do que observa.



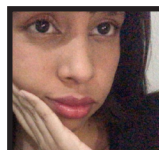
THALISSON FREITAS

Se a rainha da sofrência no sertanejo, a Marília Mendonça disse, então está dito. "Ninguém vai sofrer sozinho. Todo mundo vai sofrer."



THÁTILLA SOUSA

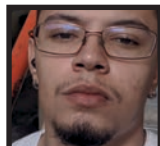
Repórter dedicada, acredito que cada encontro afina meu olhar. Assim como o ferro se afia no ferro, cresço com as pessoas e com as histórias que me atravessam.



THAYNÁ CASTRO

Nascida e criada em Imperatriz, amante da música popular nordestina, fã do ENHYPEN, gatos e coisas fofas.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA



LUCAS FILEMOM

Fazer arte é a forma mais fundamental de ser livre.

“A MPB É

GÊNERO QUE MARCOU HISTÓRIA EM IMPERATRIZ

POR
LARA SOFIA
PAULO RAYAN

A música popular brasileira é um dos maiores patrimônios culturais do país. Desde os festivais da década de 1960, quando nomes como Elis Regina, Chico Buarque e Caetano Veloso se firmaram, a MPB se tornou símbolo de identidade, sensibilidade e reflexão social. Em Imperatriz, no sul do Maranhão, o gênero também deixou raízes, ainda que precise constantemente lutar por espaço, reconhecimento e valorização, como comentam alguns artistas locais.


Zeca Tocantins iniciou sua trajetória artística em 1977, no teatro. “Atuei, escrevi e dirigi. Minha criação é transversal, não tem nenhum carimbo, portanto não escolhi MPB”, relembra. O artista participou da formação de grupos musicais que marcaram época, como o Trempe de Barro, responsável por fomentar a música autoral na região nos anos 1980.

Lena Garcia também encontrou a música cedo. “Começou na minha infância, ouvindo meu pai, Rubem Garcia, cantar. Ele era muito musical, tocava clarinete, e nas reuniões de família sempre tinha som. Em casa, só

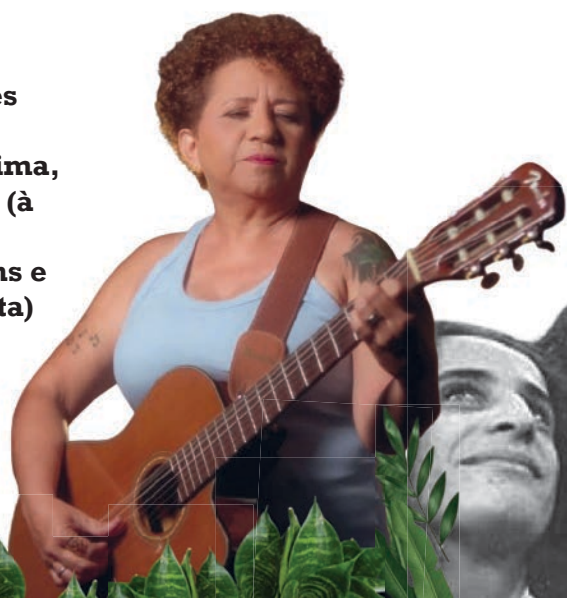
clássicos da música brasileira”, conta. Foi em um bar da cidade, o extinto Caneleiros, que ela percebeu que a música seria o seu caminho. “Subi pela primeira vez no palco a convite do Nando Cruz, e foi ali que decidi que era isso que queria.”

Anderson Lima começou a tocar aos 12 anos. “Foi com um violão e muita curiosidade”, lembra. Aos 23, passou a cantar profissionalmente em bares da cidade e, hoje, aos 39, divide-se entre o projeto solo e a banda Melquíades. “Canto de tudo um pouco. Tenho shows fixos durante a semana em lugares como o Mr. Jack e o Madame Bistrô. Nos fins de semana, faço eventos variados: casamentos, aniversários, apresentações corporativas. Tudo só voz e violão.” Ele diz que o gosto pela música brasileira veio naturalmente: “Quando a gente canta à noite, a MPB sempre aparece, porque ela tem presença, tem sentimento.”

Ruaní representa a continuidade dessa história. Começou a cantar em eventos universitários e, há seis anos, decidiu se profissionalizar. “Eu era chamada para as noites culturais das universidades e percebi que cantar era mais do que um hobby. A música brasileira sempre esteve presente em casa, e o amor pela MPB veio daí.”



De gerações diferentes, Anderson Lima, Lena Garcia (à esquerda), Zeca Tocantins e Ruaní (à direita) reforçam a marca afetiva do gênero.





RESISTÊNCIA”

HOJE REIVINDICA MAIS VISIBILIDADE NA CENA MUSICAL

Cenário local

Lena Garcia é direta ao falar da situação atual: “Infelizmente, não enxergo mais nenhum cenário de MPB em Imperatriz. Só a resistência de meia dúzia de artistas, assim como eu.” Zeca Tocantins compartilha da mesma visão: “O cenário é igual ao nacional: vazio. Embora exista uma produção excelente, prefere-se alimentar o mau gosto. Coisas de mercado.” Ruaní observa que a falta de incentivo e o predomínio de outros estilos dificultam o crescimento do gênero. “A MPB não é valorizada na nossa região. Por conta da nossa cultura da agropecuária, temos muito forte o sertanejo e o forró. Nós, que vivemos esse ritmo, não somos valorizados.”

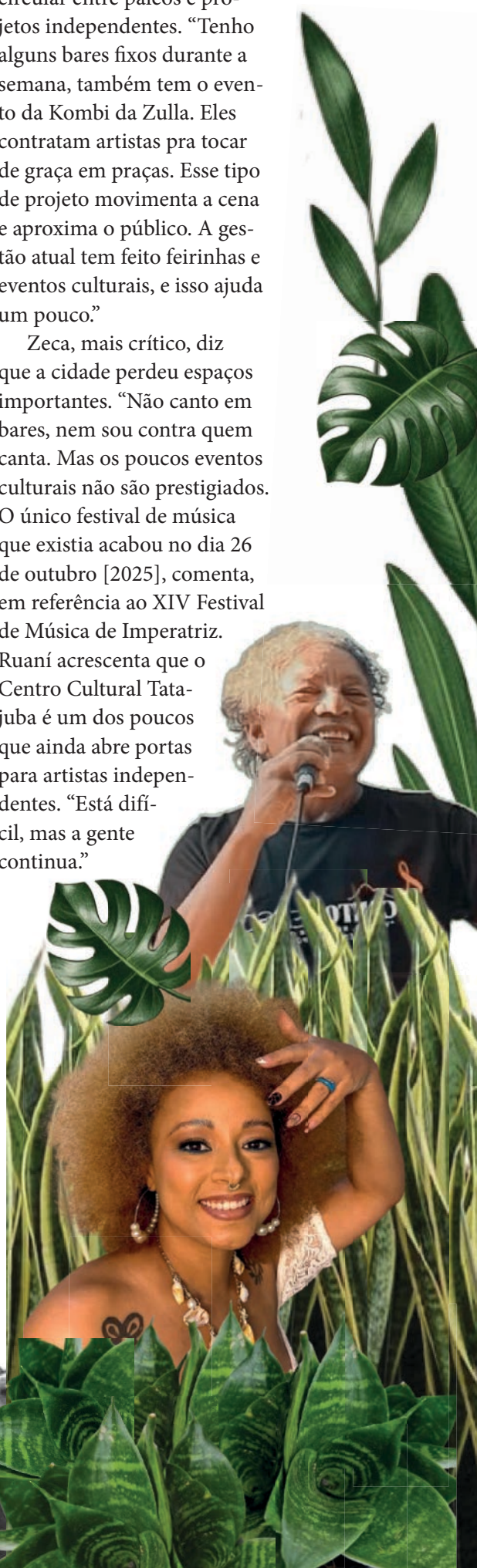
Anderson Lima frisa o mesmo contraste. “Imperatriz tem muita gente talentosa. Claro que o público maior é do sertanejo e do forró, mas a gente tem o nosso público também. Quando tem evento a galera vai, sim. Só que é difícil manter um projeto autoral ou um evento grande sem apoio.”

A escassez de locais para apresentações é um ponto comum entre todos. “Nos bares de Imperatriz não há espaço nem pra cover, se for MPB”, lamenta Lena. Ainda assim, ela mantém uma rotina: “Canto todos os sábados no Timbira Shopping, ao meio-dia. Também participo

de casamentos, aniversários e eventos públicos.”

Anderson é um dos poucos que ainda consegue circular entre palcos e projetos independentes. “Tenho alguns bares fixos durante a semana, também tem o evento da Kombi da Zulla. Eles contratam artistas pra tocar de graça em praças. Esse tipo de projeto movimenta a cena e aproxima o público. A gestão atual tem feito feirinhas e eventos culturais, e isso ajuda um pouco.”

Zeca, mais crítico, diz que a cidade perdeu espaços importantes. “Não canto em bares, nem sou contra quem canta. Mas os poucos eventos culturais não são prestigiados. O único festival de música que existia acabou no dia 26 de outubro [2025], comenta, em referência ao XIV Festival de Música de Imperatriz. Ruaní acrescenta que o Centro Cultural Tatajuba é um dos poucos que ainda abre portas para artistas independentes. “Está difícil, mas a gente continua.”





Música autoral e cover

Para Lena, o desafio vai além da falta de palco. “O principal é ser ouvida e vista, sem patrocínio ou apoio da mídia, empresários e poder público. É uma luta desigual.” Mesmo assim, ela segue compondo e se apresentando com repertório próprio. “Canto o que gosto. O ponto principal é escolher músicas conhecidas do público, mas sempre mantenho minha identidade.”

Zeca reforça a importância da música autoral e da tecnologia na produção. “Existem várias formas de se compor. Tento utilizar todas elas. Temos bons estúdios, e hoje você pode colocar um instrumento na sua música até do estrangeiro.” Ruaní descreve o processo de criação de forma mais íntima. “As músicas surgem por situações que me inspiram. Elas já vêm com letra e melodia. Uso muito minha voz como guia.”

Anderson, por outro lado, explica: “Em bar, o público quer cantar junto, então a gente adapta. Mas quando é meu projeto solo, dá pra fazer o que acredito. Agora mesmo estou preparando um show especial de Caetano Veloso e Chico Buarque no Mr. Jack. É um desafio tocar Chico, tanto musicalmente quanto

pra produzir um evento independente desse tipo aqui”, comenta, referindo-se a um tributo que aconteceu em 2025.

Presença digital

Com poucos espaços físicos, a internet se tornou o principal palco. Zeca diz que tenta “utilizar todas as possibilidades”. Ruaní vê nas redes sociais a força da nova geração. “Foi ali que o público começou a me conhecer e acompanhar meus trabalhos.” Lena usa os canais digitais para registrar apresentações e se manter próxima do público. Anderson aposta em vídeos e transmissões ao vivo. “Quando a gente posta um trecho de uma música boa, o público engaja. A MPB pode estar escondida, mas ainda emociona quem ouve.” Quando se apresenta em bares ou eventos, o próprio local faz a divulgação, e ele reposta em suas redes.

Apesar das dificuldades, todos reconhecem que há uma plateia fiel. “Existe um pequeno e simbólico público que jamais vai deixar de gostar da MPB e comparecer aos eventos”, afirma Lena. Ruaní descreve que sua plateia é composta por “pessoas pretas, de terreiro, professores, estudantes universitários, poetas, outros artistas... Gente que se identifica com o que a gente canta.” Zeca é pragmático: “Não existe perfil. Canto pra quem quiser curtir. Adoro cantar pra criança.” Anderson reforça: “Quem gosta, vai. A gente cria uma conexão, um respeito. Mesmo quem não é fã da MPB, quando ouve, se emociona.”

**“ACREDITO QUE
POSSA HAVER
MELHORAS SE
OS ARTISTAS SE
FORTALECEREM
JUNTOS”**

RUANÍ, CANTORA E COMPOSITORA





Na colagem, artistas consagrados da MPB (preto e branco) e nomes da cena local (em cores) somam diversidade das raízes e som universal.

Desafios

O consenso é o mesmo: faltam ações públicas, apoio e valorização. “A política utilizada nos órgãos oficiais é de apadrinhamento, sem compromisso com os verdadeiros produtores culturais”, critica Zeca. Lena complementa: “Gostaria que a prefeitura criasse uma Secretaria de Cultura de verdade, que investisse na nossa música e nos artistas locais.”

Ruaní frisa que o caminho passa pela união: “Acredito que possa haver melhoras se os artistas se fortalecerem juntos.” Anderson concorda e destaca o papel de novas gestões: “Esses pequenos eventos nas praças e feirinhas já são um passo. A gente precisa continuar ocupando esses espaços.”

O futuro da MPB em Imperatriz ainda é incerto, mas a resistência segue viva, em vozes que se reinventam e se recusam a calar. “Artista autoral precisa urgentemente fugir daqui se não quiser morrer de fome”, diz Zeca Tocantins, com a franqueza de quem vê o tempo passar. Mas o que poderia soar como desânimo se transforma em força quando Ruaní completa: “A MPB é resistência. Mesmo que falte apoio, seguimos compondo, cantando e acreditando que o que é nosso vale a pena.”

COLAGENS DE PAULO RAYAN (P. 4 E 5) E LARA SOFIA (P. 6 E 7) COM IMAGENS CLÁSSICAS DE ARTISTAS DA MPB, ARQUIVO PESSOAL DOS ENTREVISTADOS E DESENHOS TROPICAIS PRODUZIDOS POR IA COM O GEMINI.



FORRÓ, BREGA E SERESTA



FOTOS: ACERVO
PESSOAL / COLAGENS
DAS AUTORAS COM
PINTEREST E FREEPIK.

Ritmos de amarrotar o coração

ARTISTAS DA CIDADE MANTÊM VIVA A TRILHA SONORA POPULAR QUE EMBALA GERAÇÕES E REAFIRMA A IDENTIDADE CULTURAL

POR
LUANA RODRIGUES
THAYNÁ CASTRO
THÁTILA SOUSA



Mesmo com as transformações do mercado musical e o avanço das plataformas digitais, gêneros mais tradicionais, como o forró, o brega e a seresta seguem firmes em Imperatriz. Entre os representantes estão Ray Douglas, com sua trajetória marcada pelo romantismo do brega, Magno Costa, nome forte do forró local e Sidinha Vieira, uma das vozes mais queridas da seresta imperatrizense. Cada um traz sua própria história, mas todos compartilham o mesmo amor pela música e o desafio semelhante: manter o público fiel e conquistar novos espaços.

Ray Douglas começou a cantar ainda criança, em Grajaú, em 1966, e se tornou uma das expressões do brega na região nordestina e até mesmo no restante do país. Com uma carreira que atravessa décadas, ele se define como um apaixonado pelo gênero. “O brega não passa. Entre tantos estilos que surgem e vão, ele permanece”, afirma o cantor, que também leva ao palco sucessos autorais como “L’Amour” e releituras de clássicos que marcaram época, como “Meiga senhorita”, de Zé Geraldo.

Magno Costa iniciou sua carreira há mais de 12 anos e foi conquistando espaço aos poucos. Hoje, ele é presença garantida nas festas e bares da cidade. “Temos que estar sempre produzindo novidades para o público. Pra se manter no mercado não é fácil, então não pode parar”.

Entre os nomes que representam o forró na cidade também está Taty Mendes, que carrega na voz e na história as influências familiares e o amor pelo ritmo nordestino. Filha de cantor, começou cedo, ainda na adolescência, se apresentando em bandas de baile que

tocavam diversos estilos musicais. Foi já aos 18 anos, que recebeu o convite para integrar a banda de forró Baétz, marcando o início de uma trajetória que segue firme até hoje. “Meu pai foi uma das minhas inspirações. Eu comecei em banda baile, mas quando entrei pra banda de forró, nunca mais larguei. Aqui no Nordeste o forró é muito aceito, faz parte da nossa identidade”.

Sidinha Vieira, com sua voz marcante, é destaque na seresta imperatrizense. No início, ela enfrentou dificuldades para se firmar, mas o tempo trouxe reconhecimento. “A seresta está em alta e, graças a Deus, tenho uma agenda boa, com os fins de semana quase todos fechados”, comemora. Sidinha começou a cantar seresta com o cantor Castilho Talismã. “No começo eu não gostava muito, mas me apaixonei pelas letras, pela emoção das músicas”, relembra.

Palcos e repertório

Os quatro artistas vivem intensamente os bastidores da noite imperatrizense. Cada um dentro do seu estilo, reforça a importância de respeitar o gosto do público e manter uma conexão verdadeira com quem ouve. Além do talento e da dedicação, os espaços de apresentação também influenciam o caminho dos músicos locais.

“O BREGA NÃO PASSA. ENTRE TANTOS ESTILOS QUE SURGEM E VÃO, ELE PERMANECE”

Taty Mendes, cantora de forró e Ray Douglas, representante do brega, reforçam a identidade desses gêneros.

RAY DOUGLAS, CANTOR

Taty destaca que ainda existem lugares que mantêm o forró em evidência na cidade. “Aqui em Imperatriz tem várias casas de show, mas hoje quem mais abre as portas pro forró é o Terraço Music. Lá tocam muitas bandas do gênero, é uma das casas mais tradicionais. A Choperia Número 1 também recebe artistas de forró, embora o sertanejo ainda seja mais forte por lá”, comenta a cantora.

Magno explica que, junto da equipe, sempre busca montar o repertório pensando em quem vai ouvir. “A gente procura estar atento ao que está fazendo sucesso, sem deixar de lado o nosso jeito de cantar”. Ray complementa dizendo que o segredo está no equilíbrio entre o popular e o pessoal. Contratado pela gravadora paulista Gema, ele tem liberdade para gravar desde as canções próprias, até versões de sucessos do passado. “Tenho o privilégio de regravar músicas que já foram sucesso e incluir algumas minhas inéditas”, destaca Ray.

Sidinha aposta na mistura. Seu repertório é dividido entre seresta, forró, brega e até piseiro, o que garante um público diverso, de diferentes idades. “A gente canta pro povo, o repertório precisa agradar todo mundo”. A cantora tem percebido um grande retorno de público, especialmente nas apresentações de seresta, um gênero que, segundo ela, “está em alta”, mas que também vai se adaptando à nova realidade musical.

Perspectivas

As redes sociais trouxeram novas formas de se divulgar o trabalho, mas o contato direto ainda é o que mais marca. Magno tenta equilibrar os dois mundos. “Faço o máximo pra conciliar as redes com o contato pessoal, mas confesso que amo olho no olho com os fãs”.

Ray Douglas também sente essa conexão de perto. Ele percebe que o público do brega se renova, atraindo desde jovens até quem já acompanhava o gênero há décadas. “Tem garoto de 17 anos, de 25, de 40, de 60... É

um público muito variado. As músicas de amor ainda falam com todo mundo”, considera. A habilidade de Ray de conquistar novos ouvintes sem perder a essência que o tornou famoso, reflete a evolução do brega, um gênero que, para ele, “nunca sai de moda”.

Sidinha concorda e destaca a força da resposta do público durante as apresentações. “Hoje canto em vários eventos e é uma alegria enorme ver o pessoal dançando e cantando junto. Isso motiva a gente a continuar.” Ela vê a resposta calorosa dos fãs como a maior recompensa do seu trabalho, especialmente nas noites de seresta, nas quais a interação é ainda mais intensa. “A seresta da AABB é um evento muito especial pra mim. É todo primeiro sábado do mês, e é seresta mesmo, o povo vai pra dançar e curtir. Eu amo esse clima”, conta Sidinha, que também celebra novas conquistas, como a primeira apresentação no bar Seu Manel, tradicional reduto do sertanejo.

Para os três, o futuro é de otimismo. Magno acredita que o forró vai crescer ainda mais no Maranhão. Ray diz que o brega continua firme como um dos gêneros mais populares do país. E Sidinha aposta na valorização da seresta, que vive um momento de retomada e vem ganhando mais espaço nos eventos da cidade.

Incentivo e permanência

Taty observa que o forró segue muito querido em Imperatriz. “O público daqui recebe muito bem o forró, continua sendo muito aceito. O que mudou foi o estilo: hoje tem o forró das antigas, o piseiro, o forró de vaquejada e até o que puxa mais pro sertanejo. Mas no fim, é tudo forró”.

Magno acredita que, com mais investimento, seria possível criar fes-



Cantores de forró, Magno Costa e seresta, Sidinha Vieira, buscam relação direta com o público.





ÔXE

“A GENTE FAZ COM AMOR, MAS SERIA MUITO BOM VER MAIS APOIO, MAIS EVENTOS QUE ABRAM ESPAÇO PRA QUEM VIVE DA MÚSICA NA NOSSA CIDADE”

SIDINHA VIEIRA, CANTORA

tivais e projetos culturais voltados à música popular da região. “Seria uma forma de valorizar o artista da terra e abrir mais oportunidades”, defende. Ele também ressalta que o Maranhão pode crescer ainda mais como um polo do forró, mas para isso é necessário mais investimento em infraestrutura e no fomento à cultura local.

“O artista local precisa ser visto. Quando há incentivo, todos ganham, o público, os músicos e a cultura”, dialoga Ray. Para o cantor, o apoio às produções musicais locais não só beneficia os artistas, mas também valoriza a cultura nordestina e fortalece as raízes da cidade.

“A gente faz com amor, mas seria muito bom ver mais apoio, mais eventos que abram espaço pra quem vive da música da nossa cidade”, incentiva Sidinha. A artista frisa que

a valorização dos músicos locais é essencial para o fortalecimento da cena musical de Imperatriz e que isso ajudaria a tornar o município um polo cultural ainda mais forte. “A seresta tem muita força, é parte da nossa história. O público gosta, participa, e isso mostra que ainda há muito espaço pra esse estilo”, completa.

FOTOS: ACERVO PESSOAL / COLAGENS COM IMAGENS DO PINTEREST E FREEPIK.

CANTORES
DEBATEM
SOBRE A CENA
DA MÚSICA
RELIGIOSA DE
IMPERATRIZ

O som

POR
STEPHANY APOLINARIO
E BRUNO GOMES

Fé, devoção e amor são marcas da música cristã. Em Imperatriz, a falta de incentivos e políticas culturais faz com que artistas invistam recursos próprios para gravar e manter o ministério ativo. Mesmo assim, o gospel tem papel essencial na vida cultural da cidade, unindo católicos, evangélicos e até quem não segue religião, em momentos de adoração.

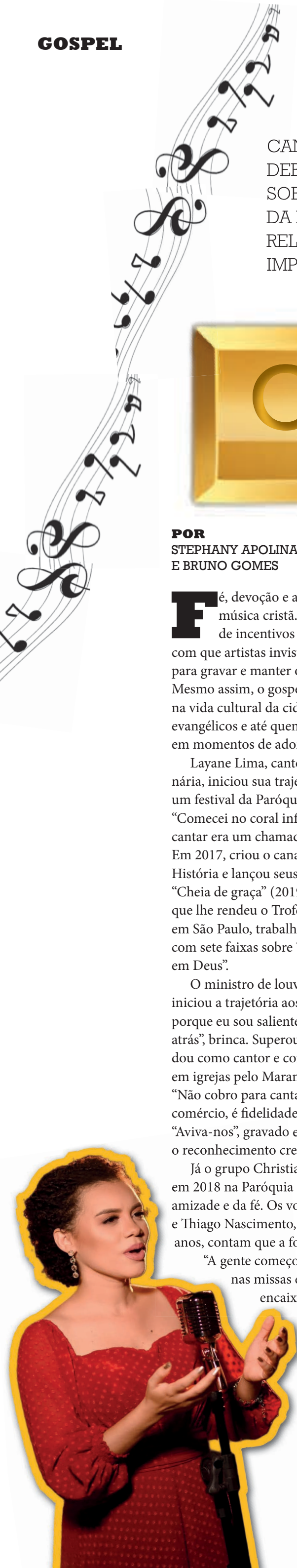
Layane Lima, cantora católica e missionária, iniciou sua trajetória aos 10 anos em um festival da Paróquia Cristo Salvador. “Comecei no coral infantil e entendi que cantar era um chamado de Deus”, lembra. Em 2017, criou o canal Cantando Minha História e lançou seus primeiros singles: “Cheia de graça” (2019) e “Resposta” (2022), que lhe rendeu o Troféu Louvemos. Hoje, em São Paulo, trabalha no álbum *Confiança*, com sete faixas sobre “entrega e confiança em Deus”.

O ministro de louvor David Percanses iniciou a trajetória aos 14 anos. “Acho que é porque eu sou saliente mesmo. Eu quis e fui atrás”, brinca. Superou críticas e se consolidou como cantor e compositor, ministrando em igrejas pelo Maranhão, Tocantins e Pará. “Não cobro para cantar. O evangelho não é comércio, é fidelidade”, afirma. Com o single “Aviva-nos”, gravado em Belém (PA), celebra o reconhecimento crescente.

Já o grupo Christianus Sum, formado em 2018 na Paróquia Santa Cruz, nasceu da amizade e da fé. Os vocalistas Nilson Júnior e Thiago Nascimento, amigos há mais de 20 anos, contam que a formação foi natural.

“A gente começou cantando juntos nas missas e viu que as vozes se encaixavam. Parecia que tudo fazia sentido, que Deus tinha escrito essa história antes mesmo de acontecer”, relembra Nilson.

Layane Lima, cantora católica e missionária, iniciou sua trajetória aos 10 anos, em um festival da Paróquia Cristo Salvador.



da fé

Hoje, o grupo é formado por Nilson, Thiago, Ruth Oliveira e Ana Beatriz (Dora) e reúne músicos da Diocese. O nome, em latim, significa “eu sou cristão” e reflete a missão coletiva. “Queremos declarar que somos de Cristo, onde quer que estejamos. Essa é a bandeira que carregamos”, afirma Thiago.

Espaços musicais

Mesmo com trajetórias diferentes, Layane, David e o grupo Christianus Sum compartilham o mesmo sentimento: fazer música gospel em Imperatriz é um ato de resistência e fé. “O cenário nunca foi fácil, principalmente no meio cristão. Falta incentivo da cultura local”, pontua Nilson. Ainda assim, todos seguem firmes no propósito de evangelizar por meio da arte. “A gente não faz música por fama ou dinheiro, mas porque Deus tem um chamado”, completa Thiago.

Layane Lima tem seu canto enraizado na vivência católica. Entre missas, retiros e eventos, ela percorre espaços onde a arte se une à espiritualidade. “A igreja é viva, então sempre tem eventos acontecendo”, destaca. Seu ministério já ultrapassou fronteiras, levando-a ao Círio de Nazaré, em Belém. “Foi uma experiência única”, recorda.

Com o mesmo fervor, o cantor David Percanses leva sua voz a diversas congregações. “Eu canto em igrejas grandes e pequenas, no Templo Central ou lá no interior, onde tiver gente disposta a adorar.” Para ele, o chamado vai além do palco: “Eu não canto só por cantar, eu canto pra entregar algo de Deus.”

O grupo Christianus Sum também participa de missas, encontros e festivais. “Tudo começou ali, bem simples, e foi se expandindo aos poucos”, relembra Nilson Júnior. Thiago completa: “Onde Deus abre as portas, a gente vai. Seja na igreja, num evento da diocese ou até em outras cidades, o importante é levar a mensagem e cantar com o coração.”

David Percanses iniciou a trajetória na música aos 14 anos e continua servindo com propósito no evangelho.



Apoio público

David Percanses lamenta a falta de suporte institucional e destaca que os músicos locais precisam se manter com recursos próprios, o que torna o processo de gravação e divulgação mais difícil. “Aqui em Imperatriz não tem esse incentivo, não tem alguém que olhe pra gente e diga: ‘Vamos ajudar esse cantor a gravar, a produzir’”, afirma o cantor.

Layane Lima comenta que existem alguns editais culturais que, mesmo não sendo voltados ao gospel, podem incluir artistas religiosos. “Eu lembro que esse ano lançaram um incentivo cultural mais amplo, pra todas as áreas, mas não tinha restrição. Então acredito que tanto o gospel quanto o forró, a música popular, tudo entra junto.”

Nilson Júnior ressalta que, até há pouco tempo, os incentivos culturais eram escassos, tanto para músicos seculares quanto cristãos. O grupo Christianus Sum reconhece avanços, como eventos e festivais promovidos pela prefeitura, mas ainda pede um olhar mais atento à música religiosa. “Hoje, graças a Deus, a gestão tem olhado um pouco mais para a cultura, mas ainda falta esse olhar específico para o gospel”, conclui Thiago.

Onde nascem as canções

Thiago relata que a história do Christianus Sum com o ato de compor começou de maneira bem natural. “A gente cantava junto, começou a trazer melodias e letras e entendeu que o que tinha pra oferecer vinha de Deus, era algo que precisava transbordar”.

David Percanses, por sua vez, percebeu que precisava entregar algo mais pessoal, vindo da própria vivência espiritual. “Hoje eu vejo que a música autoral é o que marca o ministério, porque é aquilo que Deus te deu, é a tua história com ele transformada em canção”, diz o cantor.

Layane Lima ressalta que não há problema em cantar obras de outros artistas, pois “todo cantor começa assim, interpretando canções que o inspiram”. Para ela, as músicas autorais simbolizam uma fase mais madura, na qual cada letra se torna um meio de expressar fé e identidade.

Grupo Christianus Sum, formado em 2018 na Paróquia Santa Cruz, nasceu da amizade e da fé.





Repercussão e futuro

“Hoje, a divulgação dos nossos trabalhos acontece pelas redes sociais e plataformas. É onde o público está, e a gente precisa estar presente também”, comenta Layane Lima. Apesar da falta de estrutura e investimentos no meio católico, ela destaca o esforço dos artistas independentes: “Mesmo com limitações, a gente tem conseguido fazer muita coisa com a ajuda de profissionais da própria cidade, especialmente na parte visual.”

Thiago, do Christianus Sum, observa que o grupo hoje entende que o digital é essencial. “É nas redes sociais que conseguimos alcançar pessoas que talvez nunca pisaram na nossa igreja, mas que podem ouvir uma canção e se sentir tocadas por Deus”. Apesar disso, o grupo também aponta os desafios da produção independente. “A gente faz tudo com muito esforço, com o que tem. Às vezes é celular, às vezes é câmera emprestada, mas o importante é não deixar a mensagem parar”, completa Nilson Júnior.

A recepção do público é um ponto de convergência entre os entrevistados. Thiago frisa que a participação é calorosa, especialmente em paróquias e eventos missionários, enquanto David Percanses reforça que o verdadeiro impacto depende da intimidade espiritual do artista: “Não basta ter voz bonita, saber tocar. É preciso ter uma vida espiritual, discernimento do ministério, para que a música realmente toque o coração das pessoas”.

Para Layane, o público local é um grande incentivo. “É um público muito fiel, que acompanha o artista não só pela música, mas pela mensagem, pela espiritualidade que ela carrega”, diz. Ela também nota o crescimento da cena: “Tem muita gente nova surgindo, ministérios se formando, e isso mostra que a evangelização através da música está viva e em expansão.”

Sobre o futuro da música gospel em Imperatriz, o otimismo é compartilhado. David resume: “Imperatriz ainda pode se tornar um celeiro de músicos cristãos, e a nossa missão é contribuir para isso, sem depender apenas de reconhecimento imediato, mas investindo na obra e na mensagem que levamos.”

**“IMPERATRIZ
AINDA PODE
SE TORNAR
UM CELEIRO
DE MÚSICOS
CRISTÃOS E
NOSSA
MISSÃO É
CONTRIBUIR
PARA ISSO.”**

DAVID PERCANSES,
MINISTRO DE LOUVOR



REGGAE

O som da MASSA REGUEIRA

A ASCENSÃO DA CULTURA DO REGGAE NAS CONVENIÊNCIAS DE IMPERATRIZ

POR
RENATA SOUSA
RITA MARIA SOUSA

O cenário do reggae em Imperatriz começou a se expandir com a presença marcante das radiolas e dos DJs, profissionais responsáveis pela produção e mixagem das músicas, criando uma mistura sonora que envolve batidas e locução. Além disso, há também os empresários, donos de radiolas, que promovem festas e movimentam a cena local. Esse ritmo dançante, que tem um público fiel, denominado de “massa regueira”, conquista cada vez mais admiradores, graças à sua pegada lenta e envolvente, que convida os amantes do estilo a dançarem agarradinhos.

Luis César dos Santos Avelar, conhecido como Maestro Avelar, é um dos precursores do reggae jamaicano em Imperatriz. Ele conta que a introdução do ritmo na região ocorreu na década de 1970, quando os militares, transferidos de São Luís para Imperatriz, traziam seus discos de reggae para tocar nos clubes de festas locais. DJ Odair Muniz celebra o momento atual. “Onde você vai hoje, tem reggae, tem clube, tem conveniência”, afirma, mencionando que sua agenda de shows vai de quarta a domingo.

Sebastião Silva, do Boteco Califórnia, confirma a tendência: “As conveniências são quem seguram a bandeira. Toda semana a gente tá aqui, abrindo, mantendo o compromisso com o cliente e com o reggae”. Ele reforça que, quando começou, no início de 2020, o cenário estava “meio pra baixo”, e que com a entrada de novos bares, como o dele, o reggae ressurgiu.

A visão é compartilhada por Maria Expedita da Silva, do Bar da Jeguinha, que passou da seresta ao reggae. Ela vê com bons olhos a ascensão dos bares: “Porque é um sinal que todo mundo está se envolvendo só com o reggae mesmo. Pra onde a gente vai é só reggae, reggae, reggae”.

Já para o empresário Raimundo Nonato Inácio da Silva, o Papagaio, que comanda a Land Mix, a transição dos clubes

ARTE DE RENATA SOUSA
SOBRE FOTO DE ARQUIVO
PESSOAL DOS DJs.



para os bares representa a perda de grandes eventos: “Porque quando as festas eram nos clubes, elas eram maiores. Hoje, como os bares tomando de conta, botando DJ de reggae para tocar, os clubes acabaram”. Ele ressalta que sua radiola só consegue estar presente em locais maiores, como a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), a Chopperia 850 e o DDClub, que fica no bairro Sol Nascente. Papagaio confirma que não se apresenta em conveniências, por conta da grande estrutura da sua radiola, é equipada com 36 caixas. “É a maior estrutura da região. Para competir comigo, só São Luís”, ressalta.

Patrocínio que não vem

“Primeiramente, vem a união dos regueiros, e mais apoio da política de Imperatriz: vereador, deputado, prefeito, enfim”, cobra o DJ Odair. Ele usa São Luís como exemplo, onde o movimento tem “apoio total dos políticos”, algo que não se vê em Imperatriz. Odair desabafa que, antes de sua esposa, Regiane, se tornar sua empresária, nunca havia tido suporte de algum órgão ou logomarca em Imperatriz.

Expedita diz que algumas pessoas valorizam as conveniências, mas sofre com constantes implicâncias dos vizinhos. Por outro lado, na sua visão, a prefeitura poderia trazer mais cantores de reggae em eventos públicos, como o aniversário da cidade. “Se eles trouxessem era muito bom, porque o que está crescendo em Imperatriz são os regueiros”.

Para Sebastião, o problema é a desorganização: “Uma classe sem união não tem como buscar apoio”. Ele relata a existência de uma Associação Cultural dos Regueiros e Regueiras de Imperatriz que, porém, na prática, não funciona. Uma das formas de fortalecer o movimento e alcançar objetivos futuros é incluir os jovens que estão se dedicando à criação musical e na documentação da cultura, na associação de regueiros, conforme recomenda o Maestro Avelar.

Papagaio é categórico sobre a ausência de amparo institucional: “Nunca tivemos apoio nem do governo municipal nem do federal. O estadual faz direto, em São Luís, festas de reggae patrocinadas”. Para ele, os políticos de Imperatriz enxergam o reggae com “discriminação e preconceito”.

**“UMA CLASSE
SEM UNIÃO
NÃO TEM
COMO
BUSCAR
APOIO”**

SEBASTIÃO SILVA,
DO BOTEÇO CALIFÓRNIA



Da esquerda para direita, articuladores do reggae em Imperatriz: Papagaio, DJ Odair e Maestro Avelar.

Música que faz a pista

Odair explica que o trabalho dele e de outros DJs é uma mistura estratégica, mesclando as sequências de recordação, músicas que tocam no “povão”, da atualidade, com aquelas mais exclusivas. Neste caso, eles compram faixas diretamente da Jamaica. Além disso, ele se destaca na produção, com a gravação de vários CDs e DVDs ao vivo, muitos deles em parceria com a radiola Land Mix.

A seleção do repertório nos bares e conveniências é delegada aos especialistas. “Eu entrego com os DJs. Eles que já sabem o que o cliente quer”, confirma Expedita. Sebastião concorda, explicando que cada DJ tem seu estilo, do *roots* jamaicano ao remix gravado no Maranhão. Ele ainda pontua que o remix, embora questionado por alguns, é reggae também. “O remix é mais agoniado um pouco”.

O Maestro Avelar traz a perspectiva histórica e técnica, ressaltando a paixão pelo formato físico, o vinil, que, para ele, é o que mais chama atenção em qualquer festa. Contudo, ele se adaptou aos formatos digitais, trabalhando com notebook e pendrive, mas mantém a essência, citando que o ato de tocar com amor faz com que o evento se transforme em algo magnífico.

Como proprietário da radiola, Papagaio exerce forte controle sobre o que é tocado: “No nosso repertório, eu sempre dou um pitaco. Às vezes o DJ quer variar e, por falta de experiência, eu não aceito”. Ele já tem o próprio repertório característico da radiola, o qual, segundo ele, quem a acompanha, espera ouvir todas as vezes. Sobre as produções, Papagaio confirma a continuidade: “Fizemos o volume 16 agora em maio, no Clube do DD. Deu muita gente”.

Valorizar a prata da casa

O DJ Odair aproveita as festas lotadas, as rádios Mirante e Nativa e as redes sociais, para divulgar o seu trabalho. Ele se orgulha de sua relação com os fãs: “Onde a gente passa, eles falam com a gente, e tem um carinho muito grande”. Já Expedita usa os grupos de WhatsApp e o Instagram. Ela observa que o público é diverso, vindo de todas as classes e idades, e a maioria é de fora do bairro.

**“EU ENTREGO
COM OS DJS.
ELES QUE JÁ
SABEM O QUE
O CLIENTE
QUER”**

MARIA EXPEDITA DA SILVA,
DO BAR DA JEGUINHA

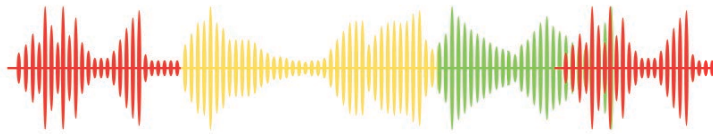


COLAGEM DE RENATA SOUSA;
ILUSTRAÇÃO DO SIBITA:
LUCAS FILEMOM



“O REGGAE HOJE É DE FAMÍLIA. É UMA FESTA CALMA”

PAPAGAIO, DA LAND MIX



Papagaio explica a divulgação da Land Mix, que hoje é mais predominante nas redes sociais. “A Radiola tem um Instagram muito bom. Temos 11 mil seguidores”. Ele também detalha a agenda de shows, que é mais forte fora da cidade e relata que toda semana alterna entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins, de sexta à domingo. Além disso, nota uma mudança no perfil de quem frequenta os eventos: “Mudou. Hoje nós temos um público diferente. O que mais tem, são pessoas de idade, professores de faculdade e funcionários públicos. O reggae hoje é de família. É uma festa calma.”

DJ Odair faz uma crítica incisiva à valorização por parte dos produtores. “Quando vem outro DJ para fazer festa em Imperatriz, ele cobra um valor X lá em cima e o pessoal da conveniência ou do clube paga. E não paga para o DJ local”. E deixa um legado: “Vamos dar valor à prata da casa de Imperatriz”.

Mesmo entre percalços, o futuro é visto com otimismo, atrelado à condição da união e do reconhecimento. DJ Odair acredita que o reggae em Imperatriz está em alta, e “de parabéns”. Expedita concorda que o estilo está em ascensão, e em seu auge, bastando apenas aprimorar. Já Sebastião resume o desafio: “Tem tudo pra aumentar, mas precisa de união. Mais parceria”. Ele acredita que o movimento pode ser até chegar a ser reconhecido como patrimônio cultural.

O Maestro Avelar pondera que o futuro “a Deus pertence”, dependendo dos jovens que estão batalhando para fazer e documentar o movimento, e que o fortalecimento virá ao dar a esses “sangue-novos”, voz e vez na associação, que já existe. Papagaio enxerga o cenário que está por vir com tranquilidade, dada a natureza do público atual: “É uma festa muito calma. Não tem briga. Hoje eu toco e nem levo segurança. O público é tranquilo.” Ele está otimista quanto ao reconhecimento cultural e crê no reconhecimento imaterial do reggae na cidade.



Da viola aos teclados

MÚSICOS LOCAIS DOS GÊNEROS ALERTAM:
SEM INVESTIMENTO, O FUTURO
ESTÁ EM RISCO

POR
GABRIEL JORDAN
THALISSON FREITAS

De acordo com o Kantar Ibope, em pesquisa divulgada em 2023, 56% dos brasileiros têm o sertanejo como gênero musical favorito e, nas plataformas de streaming, mais de 70% das reproduções pertencem ao ritmo. Em Imperatriz (MA), o cenário não é diferente: bares, casas de shows e eventos da cidade são embalados por duplas e artistas locais que destacam a falta de incentivos ao setor. Enquanto isso, o sertanejo divide espaço com a pisadinha, estilo que ganha força e disputa o público nas noites imperatrizenses.

Bruno Sampaio e Josué são uma dupla de cantores do sertanejo raiz que se apresenta em toda região. Tocantina há quase 20 anos. Bruno vem do Mato Grosso do Sul e Josué é nascido em Imperatriz, e ambos possuem longa trajetória na música, somando mais de 30 anos.

Rodrigo dos Teclados, que prefere ser chamado de RT Shows, considera que sua carreira começou oficialmente há três anos, como cantor e tecladista. Ele conta que ainda não lançou músicas autorais, apenas covers, mas é o que atualmente garante seu sustento. Já Wanderson Gonçalves é gerente da Chopperia N°1 e produtor. Nascido em Imperatriz, trabalha há 14 anos no

ramo de produção musical e eventos, sendo hoje empresário da dupla Israel e Vinícius.

Incentivos

Ao ser perguntado sobre apoio e incentivos públicos na carreira, Rodrigo dos Teclados comenta que existe um patrocinador neste estágio inicial, Julin Acessórios, uma empresa local de artigos para celulares. “Hoje a marca da loja está plotada no nosso teclado, nas caixas de som, então eles vêm dando esse suporte pra gente continuar”, afirma.

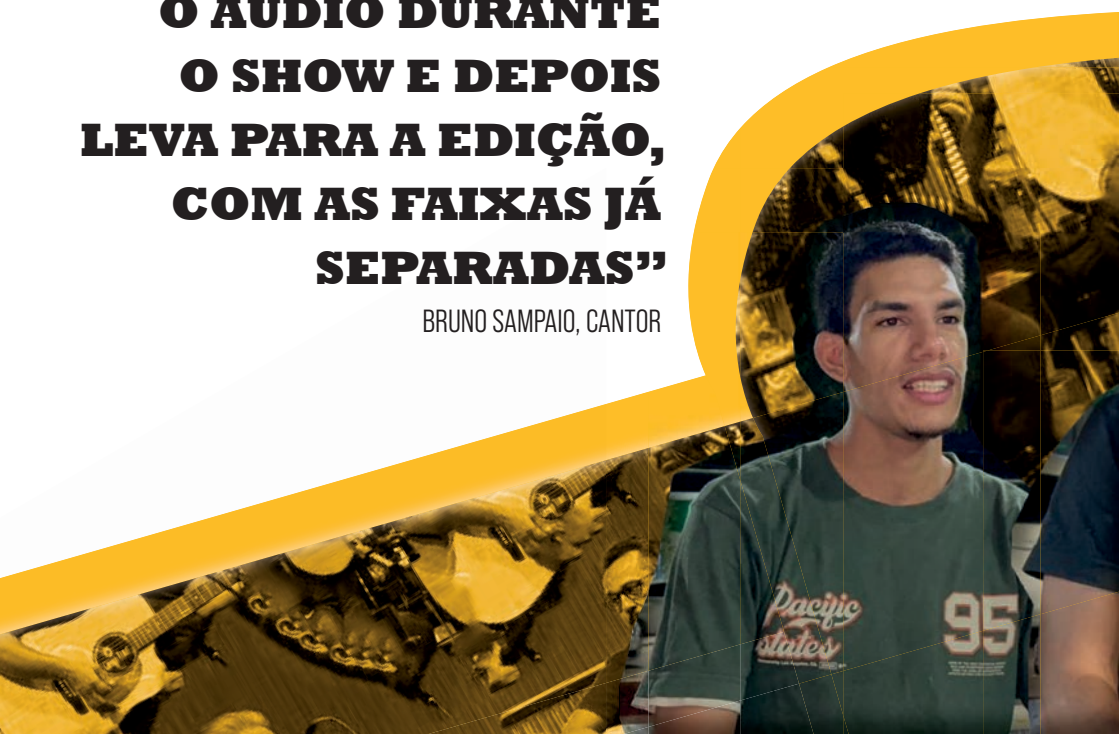
Já na realidade de Bruno Sampaio e Josué, desde quando iniciaram a carreira, nunca contaram com incentivo público e nem patrocinadores. Mas após tantos anos, eles conseguiram fidelizar clientes e mantêm contato próximo com prefeituras nos estados do Pará, Tocantins e Piauí, além de algumas empresas que já contratam seus shows com maior frequência.

Para o empresário musical Wanderson Gonçalves, o setor privado local, no qual ele também tem grande participação, ainda não apresenta tanta força para melhorias. “Muitas vezes o que entra e o que sai não dá para pagar as contas da noite e a conta não fecha nem para os valores que os artistas pedem como cachê”. Mas para Wanderson, cantores e as casas de shows deveriam apoiar mais o cenário na cidade.

**“A GENTE CAPTA
O ÁUDIO DURANTE
O SHOW E DEPOIS
LEVA PARA A EDIÇÃO,
COM AS FAIXAS JÁ
SEPARADAS”**

BRUNO SAMPAIO, CANTOR

COLAGEM DE THALISSON
FREITAS E GABRIEL
JORDAN COM FOTOS DE
ARQUIVO DOS ARTISTAS.



Músicas autorais

Bruno Sampaio ressalta que o ser humano está perdendo espaço para a máquina em questão de composições musicais ao tratar do potencial da inteligência artificial que, nos últimos tempos, gera até obras completas. Entretanto, o cantor garante que ainda consegue criar canções autorais e garantir boa repercussão, mesmo cantando mais em Imperatriz do que fora. “Em Goiânia, por exemplo, você gasta R\$ 45 mil numa faixa”, assegura Bruno.

A dupla costuma fazer suas gravações com apoio de um *home studio*, que Bruno Sampaio define como um estúdio móvel. A estrutura vai junto com os cantores até um ambiente fechado, geralmente uma casa de shows na qual a dupla já iria fazer uma apresentação. “A gente capta o áudio durante o show e depois leva para a edição, com as faixas já separadas”, diz Bruno. Por outro lado, o cantor e tecladista Rodrigo dos Teclados não vê a necessidade, no momento, de lançar músicas autorais e se reserva a cantar canções de outras pessoas.

“Há 18 anos, o movimento do sertanejo era diferente do de hoje, era mais forte”, relembra Bruno Sampaio, em relação ao gênero musical que passou a interpretar assim que iniciou sua carreira em Imperatriz, em 2009. Nos últimos tempos, a pisadinha se popularizou e chegou a incomodar o sertanejo, principalmente durante a pandemia da Covid-19 (2020-2021), mas, para ele, o sertanejo universitário conseguiu se sobressair.

Na opinião do empresário Wanderson Gonçalves, a produção de músicas autorais contribui para que artistas locais consigam melhores condições na cobrança de cachês. “Você vê uma banda que toca dez vezes mais do que outra que faz apenas covers. Um exemplo é a dupla Israel e Vinícius. Eles têm quatro músicas autorais, o que nos permite conduzir melhor o trabalho em relação a outros artistas da região”. Segundo ele, esse fator também possibilita que grupos e artistas tenham acesso a melhores estruturas e equipes, já que as facilidades nas negociações e nos cachês proporcionam melhores condições de trabalho.

Bruno Sampaio e Josué (no centro), são acompanhados por João Vitor, baterista; Zeca Neném, baixista; Júlio Casanova, percussionista e Alexandre Galhães, guitarrista.



Divulgação

Rodrigo não conta com uma equipe responsável para divulgação dos seus shows, mas obtém ajuda das pessoas que estão nos locais dos eventos, que geralmente publicam e marcam o tecladista. Dessa forma, ele mesmo republica em suas redes sociais os conteúdos. Mas, o cantor sente falta de uma assessoria de comunicação e declara que é um objetivo para o futuro.

Mesmo em momentos difíceis como o atual, a dupla nunca chegou a pensar em mudar de gênero, para a própria pisadinha, por exemplo. “É a minha verdade. Eu vou cantar o que eu sei cantar. Não vou me aventurar numa praia que não é a minha”, declara Bruno Sampaio sobre uma possível mudança de ritmo na sua carreira. O estilo que não é a “praia” de Bruno Sampaio e Josué, é o que mantém a vida artística de Rodrigo dos Teclados.

“Eu costumo dizer, como produtor, como empresário, que uma banda com produção musical boa, não tem como ninguém não gostar”, ressalta Wanderson Gonçalves. A fala do produtor reflete uma visão muito presente no cenário sertanejo da cidade, no qual a qualidade da produção tem se tornado um dos principais diferenciais para conquistar espaço. Apesar de isso nem sempre acontecer, é algo que estimula a população de Imperatriz a participar da divulgação das músicas.

COLAGEM DE
THALISSON FREITAS
E GABRIEL JORDAN
COM FOTOS DE
DIVULGAÇÃO.



Shows

Sobre a rotina de apresentações, a dupla possui uma agenda semanal bem movimentada na cidade e nos municípios da região. “A gente tem uma agenda de segunda a segunda. Só descansamos no domingo”. Por conta disso, os artistas precisam dos melhores equipamentos para aguentar a frequência de uso quase que diária. Bruno Sampaio relata que a sanfona de Josué, seu parceiro de dupla, por exemplo, custou aproximadamente R\$ 120 mil e o seu violão, cerca de R\$ 18 mil. Tudo isso para entregar a melhor qualidade para o público.

Para Wanderson Gonçalves, que gerencia a RT Shows, as apresentações geralmente acontecem mais nos fins de semana. “Sexta-feira a gente tem evento particular. Sábado à tarde, por volta das 19h, outro evento particular. E às 23h, em um bar”. Rodrigo ainda revela que tem um contrato com a loja Julin Acessórios e que toca por lá, todos os sábados, pela manhã. Além de participação em shows privados no domingo.

Outra questão que impacta é o retorno financeiro das apresentações musicais. Segundo Rodrigo dos Te-

clados, o valor dos cachês na cidade está em um patamar muito abaixo do que deveria ser. “É muito defasada ainda a remuneração na base. Tem que ter um apoio, tem que ter patrocínio.”

Entretanto, há também pontos positivos, a exemplo da recepção dos fãs, como salienta Rodrigo. “É um público muito eclético, aceita os diversos gêneros musicais e acolhe muito bem tudo.” Ao mesmo tempo, as plateias têm suas especificidades e preferências, como sustenta Bruno Sampaio. “Lá no Madame Bistrô [gastobar da cidade], um cantor que canta na quinta-feira, dificilmente é o mesmo público que o meu”, reflete.

Ao analisar o cenário atual, o empresário Wanderson Gonçalves demonstra preocupação com o futuro da música local. “Indo para a nossa realidade aqui em Imperatriz, vou ser bem sincero, se continuar do jeito que está, o quadro musical da cidade vai entrar em uma grande decadência. Daqui a três ou quatro anos, se nada mudar, vão restar poucas bandas”, alerta.

**“SE
CONTINUAR
DO JEITO
QUE ESTÁ,
O QUADRO
MUSICAL DA
CIDADE VAI
ENTRAR EM
UMA GRANDE
DECADÊNCIA”**

WANDERSON GONÇALVES, EMPRESÁRIO

A dupla Israel e Vinícius, no sertanejo e Rodrigo dos Teclados (de chapéu), na pisadinha, compõem o novo cenário desses gêneros em Imperatriz.



NO BATUQUE DA PRINCESA

POR
IAGO SOUSA
IVANILDE FIRMO



Dificuldade de viver da música, falta de políticas públicas de incentivo à cultura, escassez de composições autorais, ausência de uma identidade própria e poucas oportunidades de apresentações são alguns dos aspectos mais marcantes do cenário musical do samba em Imperatriz. Apesar de ser um dos gêneros musicais mais influentes da cidade, atualmente, as bandas e os artistas locais do gênero passam por dificuldades quando o assunto é se manter no mercado da música. Eles relatam os problemas financeiros, a resistência de donos de bares e casas de shows em abrir as portas de seus estabelecimentos para apresentações desse estilo, além da falta de apoio, tanto da iniciativa privada, quanto dos órgãos públicos.

Aldair Baía de Souza, mais conhecido como Baía, um dos precursores do samba de Imperatriz, foi responsável por fundar e integrou diversas bandas da velha guarda e algumas mais atuais também, como Cor e Corda, Sambaía, Só Diretoria, Samba no Balde e Nosso Samba. Ele relata que sua carreira musical começou pela afinidade que tem pelo samba, algo que surgiu de uma brincadeira entre amigos. Atualmente não toca mais com tanta frequência, apenas quando surge alguma oportunidade.

Patrícia Goltzman é vocalista da banda Democracia do Samba. Na página ao lado, banda Samba Aí.

APESAR DA INFLUÊNCIA DO GÊNERO, ARTISTAS APONTAM DIFICULDADES NO CENÁRIO ATUAL



Seguindo a mesma premissa que Baía utilizou no início de sua carreira, a banda Samba de Siá começou sua trajetória no cenário musical de Imperatriz a partir de uma brincadeira entre amigas. Foi no quintal da casa de Lena Garcia, que, em 2024, durante um almoço, enquanto tocava algumas músicas ao lado de outras cantoras e instrumentistas, como Marly Pontes, Karlla Gyz e Gisele Sousa, elas decidiram dar origem ao único grupo de samba da cidade inteiramente formado por mulheres.

Lucas Pinheiro, de 30 anos, vocalista do Samba Aí, conta que criou a banda em 1º de setembro de 2021, junto de outros três colegas: Luciano, Johnny e o primo Batucada. Assim como os grupos anteriores, tudo surgiu como uma forma de confraternização entre conhecidos na casa de um amigo. Porém, foi na Vilinha, para onde se mudou depois, que a banda deu o repique inicial.

Fugindo do padrão de origem dos outros grupos, Patrícia Goltzman, 46 anos, vocalista do Democracia do Samba, explica que a ideia da banda começou a surgir no final de 2023, quando recebeu uma proposta da dona do bar Mr. Jack para participar de uma roda de samba junto de seu

amigo Fábio. O projeto começou a amadurecer quando conheceu Daniel, integrante de outra banda de samba, Vibe do Pretexto, que a ajudou dando suporte e fazendo parcerias em apresentações.

Além das bandas, outros personagens importantes para o samba local construíram suas carreiras no cenário musical de Imperatriz. É o caso do empresário e produtor cultural José de Ribamar, mais conhecido como Bebezão, que atua na área há 23 anos e é dono da empresa Bebezão Produções. Ele descreve que, quando chegou na cidade, há mais ou menos duas décadas, o cenário do samba era mais forte, porém, não tão valorizado. “A cada esquina tu via um ponto, uma sede, um bar, um comércio, alguém fazendo um samba e pagode”.

Espaços de atuação

A cantora Lena Garcia informa que o cenário musical do samba de Imperatriz não oferece muitas oportunidades para todos os grupos se apresentarem. É o caso de sua banda, Samba de Siá, que raramente toca em bares. “É um universo muito machista. As pessoas, os empresários e os contratantes não acreditam muito quando é



“A GENTE TEM QUE SE REINVENTAR PARA PODER AGRADAR”

LUCAS PINHEIRO,
INTEGRANTE DO SAMBA AÍ

um grupo só de mulheres. A mulher sempre foi minoria nessa categoria”.

Por outro lado, diferentemente do Samba de Siá, há bandas que dispõem de locais específicos para se apresentar, como

o Samba Aí, que faz seus shows todo sábado na casa de samba e pagode O Tal do Espetinho, e o Democracia do Samba, que, pelo menos uma vez no mês, toca no bar Mr. Jack.

O vocalista do Democracia, Lucas Pinheiro, reforça que a resistência dos donos de bares e casas de shows de abrirem suas portas para alguns grupos, ocorre devido à concorrência, divergências de cachê e expectativas de retorno financeiro satisfatório. No entanto, ele acrescenta que as oportunidades também dependem das bandas. “O dono de casa quer resultado. Então a gente tem que se reinventar. Para poder agradar”, explica Lucas.

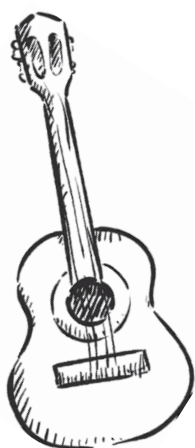
Segundo o produtor cultural Bebezão, a escassez de eventos voltados para a música feita na cidade, principalmente o samba, é outro problema perceptível. Ele cita o festival Samba Imperatriz e as rodas de samba, que ele mesmo produz, como exemplo das poucas produções ainda resistentes.

Ações públicas

Bebezão critica a falta de investimento em eventos, por parte dos órgãos responsáveis, como a Fundação Cultural de Imperatriz e a Secretaria de Cultura do governo do Maranhão, além da carência de políticas públicas voltadas à valorização do samba e outros gêneros na cidade. Ele menciona o Carnaval e o São João como alguns dos eventos organizados pela prefeitura. “Fora as outras, tem as empresas particulares que vêm e criam, como o Arraiá da Mira”.

Em contraponto a esses aspectos, o sambista Baía acredita que houve uma evolução no cenário musical de Imperatriz em relação ao que era no passado, quando se trata de ações públicas. Ele destaca algumas das iniciativas das quais muitas pessoas não tomam conhecimento devido à falta de informação. “A atual gestão começou a incentivar mais os músicos, as bandas, a se habilitarem

Samba de Siá é a primeira e única banda de samba local formada apenas por mulheres.



IAGO SOUSA



perante a Lei Aldir Blanc, que já abre mais espaço, porque tem toda uma formalização”, aponta Baía.

Produção autoral e divulgação

Lena Garcia alega que não há muito lugar para a composição autoral no cenário musical de Imperatriz, por causa da chegada da música massificada, como o sertanejo e o funk, que acaba dominando o gosto popular. Apesar disso, após 30 anos de carreira, ela gravou o primeiro videoclipe profissional de uma música de sua autoria, “Essa moça”, que foi publicado no seu canal do YouTube, Spotify, Deezer e Amazon Music.

Já a vocalista Patrícia Goltzman conta que ainda não possui composições próprias, mas planeja começar a produzir obras autorais ano que vem. Ela explica que seus trabalhos são divulgados no Instagram. “Também uso o Whatsapp. Faço listas de transmissão. Toda vez que vou me apresentar, gravo vídeos e mando pra galera.”



Plateia e rumos

Ao definir o público do samba de Imperatriz, todas as bandas chegaram a um consenso de que o perfil é bem diversificado, abrangendo pessoas de várias idades, desde jovens até idosos e diferentes gostos. “Tem pessoas que preferem um ambiente mais calmo, tem outras pessoas que preferem um ambiente mais agitado”, descreve o vocalista do Samba Aí, Lucas Pinheiro.

Os artistas são otimistas com relação ao futuro do samba em Imperatriz, devido à aceitação crescente do público pelo gênero, ao aumento das oportunidades de apresentações em bares e casas de shows e à participação em eventos públicos e privados. Lena Garcia acredita que a união entre as bandas, por meio de parcerias, pode ajudar a melhorar o cenário musical para as gerações futuras.

Bebezão e Baía divergem nas opiniões. Enquanto o produtor defende que as bandas precisam se tornar mais independentes do poder público, o sambista considera o apoio da gestão da cidade essencial para pavimentar o caminho para um futuro melhor.

Lucas Pinheiro aposta em um projeto que visa a realização de eventos mensais, com o intuito de criar um clima mais amoroso e estabelecer um espaço capaz de atrair e conquistar novos públicos. “Tem muita galera nova que precisa só da questão do ambiente com que ela se identifica”.



**“AS PESSOAS, OS
EMPRESÁRIOS E OS
CONTRATANTES NÃO
ACREDITAM MUITO
QUANDO É UM GRUPO
SÓ DE MULHERES”**

LENA GARCIA



RAP

Entre rimas e vivências

SONHOS EM PALAVRAS MARCAM
A CENA DO HIP-HOP IMPERATRIZENSE

POR

CAMYLE MACATRÃO

JACQUELINE NASCIMENTO

Um beat, um microfone e uma caixa de som são o suficiente para reunir quem quer que esteja passando pela Beira-Rio. Ritmo e rimas se misturam, criando uma energia única. Está acontecendo uma batalha de rap, é no coração de Imperatriz que a voz da periferia ganha palco e a batida é utilizada para transformar a realidade em músicas criativas e sagazes.

O gênero musical, que surgiu nos anos 1970 nos Estados Unidos, ganhou o coração e a rima dos brasileiros. Um caminho de autoconhecimento, ritmo e transformação social. O rap vai muito além de batidas fortes e estrofes afiadas. Em Imperatriz, o movimento se fortaleceu nos anos 1990, mas tem ganhado força nos últimos anos e revelado grandes talentos que transformam a sua realidade por meio da música.

O rap é um dos pilares do movimento cultural do hip-hop, que une o DJ, o MC (mestre de cerimônia), o break (a dança) e o grafite (arte de rua). Com o microfone em mãos e ideias afiadas, a cena imperatrizense vai se construindo com apoio dos mais jovens, como Thyago Silva, mais conhecido como Cegão MC, co-fundador da Batalha do Império e campeão de diversos eventos do gênero. “O rap significa viver a vida com aceitação em relação a si mesmo. Saber quem você é, o que você representa e por quais causas lutar”, conta o rapper, que carrega em suas letras o reflexo da própria realidade.

Durante muito tempo, o som da cultura negra e periférica foi muito marginalizado e desvalorizado no cenário local. Mas, devido à ascensão do rap ao redor do mundo, esse cenário vem se modificando lentamente com a expansão das redes sociais e a adesão dos mais jovens. “Eles têm preconceito por que não conhecem”, explica Floydson, ex-integrante da banda de rap Flagrantes, para quem o movimento ainda enfrenta resistência, mas continua crescendo com força e propósito.

COLAGEM DE
CAMYLE
MACATRÃO
COM FOTOS
DO ARQUIVO
PESSOAL DOS
ARTISTAS.



A dinâmica do palco

Das batalhas aos shows, existem várias diferenças que fazem do rap um gênero musical único. Uma dessas características são as batalhas de rap, que consistem em duelos entre dois ou três MCs, que se enfrentam usando versos improvisados acompanhados de uma batida. Cada participante responde às provocações do outro de forma rápida e afiada, buscando cativar o público, afinal é ele quem decide quem será o grande campeão.

Em Imperatriz, o movimento das batalhas já tem história. A Batalha da Marola surgiu há cerca de oito anos, em 2017, e se encerrou pouco depois da pandemia de Covid-19, quando os organizadores necessitaram priorizar a família, o trabalho e outras responsabilidades. “Vi que precisava surgir outra batalha, para acolher jovens como eu, de 13 anos, e é daí que nasce a ideia da Batalha do Império”, conta Hadriel Rodrigues, nome artístico de Rodrigues, um dos cofundadores deste evento.

A nova batalha, criada em 2022 pelos próprios frequentadores, nasceu como uma forma de honrar e dar continuidade ao legado da antiga Batalha da Marola. Hadriel relembra com carinho o início de sua trajetória: “Foi nas batalhas de rima que eu tive contato com o rap pela primeira vez. Eu nem sabia o que era rap ou rima, só estava lá. Hoje é louco pensar, mas foi a coisa mais linda da minha adolescência.”

Dividida em três rounds, a batalha começa quando os competidores se lançam no par ou ímpar e o vencedor escolhe se quer iniciar as rimas ou deixar que o adversário comece. Nos rounds seguintes, a ordem se inverte, garantindo equilíbrio e ritmo à batalha. Mais do que uma disputa, é uma forma de arte e expressão, na qual os jovens revelam suas ideias, sentimentos e realidades por meio da rima. “O microfone aberto é mais do que um palco, é um lugar onde o jovem pode ser ouvido, ser respeitado e mostrar o seu talento”, explica Cegão.

**“A
PERIFERIA
HOJE TEM
UMA VOZ,
E ESSA VOZ
SE CHAMA
RAP”**

DEVISBRAWN,
COORDENADOR DA
CASA DO HIP-HOP

**Pixel é MC,
beatmaker e
produtor de
batalhas de
rima no sul
do Maranhão.**



Lutas sociais

A música que inspira e transforma, também é alvo de repressão e preconceito. Nos anos 1990, essa realidade era ainda mais difícil. “Nós éramos impedidos de praticar as rodas de rap porque a polícia chegava e acabava com tudo. Quando não era a polícia, a própria sociedade discriminava e julgava”, lembra Devisbrawn, coordenador da Casa do Hip-Hop e militante do movimento há 19 anos. Ainda assim, as rimas resistiram e se tornaram símbolo de existência. “O rap é um exemplo de sobrevivência do cotidiano negro e periférico dentro da periferia de Imperatriz.”

Atualmente as batalhas se tornaram campo de voz e pertencimento e são realizadas em espaços públicos como praças, ruas e o principal, a Beira-Rio, mas, mesmo sem o incômodo da polícia, a sociedade ainda julga. “O pessoal chama de música de bandido, isso pra mim é o mais triste”, lamenta Cegão MC. O que muitos não percebem é que o rap estimula justamente o contrário. Por meio das músicas, jovens e adolescentes da periferia encontram um caminho longe das drogas, da criminalidade e do silêncio social.

“A periferia hoje tem uma voz, e essa voz se chama rap”, define Devisbrawn. E nasceu para que as pessoas pudessem cantar suas vivências. Por isso, o gênero levanta diversas causas e bandeiras, mostrando que todos são capazes de rimar e ocupar o mesmo espaço de fala. “A batalha é da comunidade”, explica Pixel, um dos produtores da Batalha do Império, que busca ser cada vez mais inclusiva, abrindo espaço para mulheres, pessoas LGBTQIA+ e PCDs. Mesmo com cotas criadas para incentivar essa participação, a adesão ainda é pequena, mas o movimento segue firme, lutando para que todas as vozes possam dividir o mesmo microfone.

Batalha da vida e de rimas

Apesar da existência de leis de incentivo e editais públicos, as oportunidades para artistas do hip-hop ainda são escassas. O preconceito e a falta de compreensão por parte do público da cidade dificultam o reconhecimento do movimento. “Imperatriz produz muita gente talentosa, mas sem oportunidades”, afirma Floydson.

Os custos para quem vive do rap são altos. Equipamentos, caixas de som, transporte, hospedagem e locação de espaços para shows e batalhas são despesas constantes. Em Imperatriz, a Casa do Hip-Hop, que fica no Recanto Universitário, chegou a ser fechada por oito anos devido à falta de investimento. Para o rapper Lucas Pimentel, ou Takezo, como é conhecido, a escassez de apoio financeiro é o fator que mais enfraquece a cena: “A galera é muito esforçada e muito dedicada, mas não tem o reconhecimento merecido”.

COLAGEM DE
CAMYLE MACATRÃO COM
FOTOS DO ARQUIVO
PESSOAL DOS ARTISTAS.

Da mesma forma, Pixel relata que durante a organização do campeonato estadual, em que ficou responsável por realizar as seletivas no interior do estado, vivenciou uma situação inusitada: “Em um dia conseguimos o dinheiro e o equipamento necessário para realizar a competição, tudo com o apoio da prefeitura do local. Algo que aqui em Imperatriz seria muito difícil. O pessoal de fora valoriza o som que a gente faz, tanto o público quanto o sistema governamental.”

Os campeonatos, além de promoverem a troca de experiências entre artistas, são uma importante forma de divulgação do trabalho dos MCs. Porém, o rap sobrevive pela força de quem acredita nele. “No final, é a gente pela gente. Pra onde a gente vai, leva o nome da Casa do Hip-Hop e da batalha. Todo mundo que está envolvido, como grafiteiros, MCs e DJs se ajuda”, diz Pixel.

Novas cenas

O futuro conta com a ajuda e a renovação dos jovens. Nas rodas de batalha, composições autorais e redes sociais, eles assumem o papel de protagonistas, levando o rap para novos espaços e ampliando seu alcance.

Atualmente, a Casa do Hip-Hop conta com o apoio da prefeitura e de alguns vereadores para se manter de pé, buscando promover inclusão, arte, cultura e esporte voltados para crianças e adolescentes da periferia da cidade. O espaço oferece oficinas de grafite, dança, poesia e palestra educativas.

Apesar das dificuldades como a falta de apoio financeiro e de espaços culturais adequados, o cenário segue crescendo. O público aumenta a cada evento e o rap, que nasceu nas ruas, mostra que veio para ficar. “O rap de imperatriz é resistência. É o grito do povo que não se cala”, resume Takezo.

**“NO FINAL,
É A GENTE
PELA GENTE.
PRA ONDE A
GENTE VAI,
LEVA
O NOME
DA CASA DO
HIP-HOP
E DA
BATALHA”**

PIXEL, PRODUTOR

DA BATALHA DO IMPÉRIO

**Batalha entre
os MC's Rios e
Hades durante
o campeonato
intermunicipal
“Versos em
movimento”.**



“Uma mistura de desafio com OTIMISMO”

MÚSICOS DO CENÁRIO INDEPENDENTE LUTAM PARA CRIAR, PRODUZIR E SOBREVIVER

POR
LAÉCIO RODRIGUES
LUIZA CRUZ

A garra e a autossuficiência de representantes dos gêneros pop, rock e metal, em Imperatriz, contrastam com a falta de apoio institucional e a resistência do público local ao som autoral e alternativo. Enquanto outros estilos desfrutam do privilégio do palco principal, de espaços nas agendas de bares e alguns incentivos da gestão pública, os músicos alternativos são forçados a se tornar produtores dos seus trabalhos e, por vezes, a realizar “o trabalho de 50 pessoas” apenas para manterem a sua arte viva.

“Muita gente que começa a fazer arte é pela vontade, pelo sonho. Mas muitos não contam que, além de artistas, compositores, eles precisam ser gerenciadores da sua própria carreira. Precisa ser produtor, executivo, precisa ser diretor da parada toda”, expõe Jefferson Carvalho, cantor e compositor.

Vácuo na cultura

O desafio mais esmagador e citado por todos é a estagnação do poder público. A cidade carece de um ecossistema que proteja e remunere seus artistas. Da forma como está configurada, a cultura fica à mercê da “garra” individual e do apoio de seus fãs.

Jefferson Carvalho, que se define como “cantor, fotógrafo e multiartista”, aponta o dedo para a raiz do problema: a falta de educação e políticas públicas. “Um artista que está lá na Cafeteira, às vezes fazendo seu corre, seu som, não sabe que na prefeitura da sua cidade tem um edital e que ele pode se inscrever”, detalha o músico. Ele reforça a necessidade de educação para que a informação chegue a quem mais precisa.

A falta de incentivo formal faz com que a formação musical se apoie em

Jefferson Carvalho (ao lado) e João Vitor Neres (próxima página) apontam que a ausência de apoio leva às ações independentes.

COLAGEM DE
LAÉCIO RODRIGUES
COM FOTOS DO
ARQUIVO PESSOAL
DOS ARTISTAS.





estruturas privadas, ou religiosas. Anderson Lima, vocalista da banda Melquíades, aponta que o surgimento de músicos em Imperatriz se dá à “revelia” ou, mais precisamente, nas igrejas. Jefferson Carvalho é um exemplo, citando a Igreja Adventista como uma “grande escola de música” em sua adolescência.

A ausência de incentivo obriga os músicos a uma jornada solitária de custos. “Achar patrocínio ou fazer com que alguma entidade pública ou empresa patrocine determinado evento é muito raro. A gente sempre custeou tudo”, afirma o músico João Vitor Neres.

No rock, a situação é mais radical. Anderson Lima critica: “O apoio financeiro de editais, por exemplo, dificilmente vai ter”. Isso força a cena a se virar, como explica André Cavaignac, vocalista da banda Mortos. Ele e outros produtores optaram por se tornarem “autossuficientes” e se negam a “mendigar apoio de quem não nos respeita ou entende”. A resposta foi o festival Metal Chaos, custeado pela própria comunidade, para suprir a falta de palco.

Tiranania do cover

Em Imperatriz, o público aparentemente elegeu o cover como trilha sonora oficial, relegando de certa forma a música autoral a um momento de pausa. A dualidade entre tocar canções de outros artistas e apresentar material próprio não é uma escolha, mas uma tática de sobrevivência ditada pelo mercado local.

O compositor vira refém de uma cultura que não investe no novo, na qual o cover é a ponte necessária para “puxar o público”, mesmo que a verdadeira identidade artística resida na composição de assinatura pessoal.

Essa resistência é ainda mais nítida para aqueles que saem do convencional. Gabriel Albuquerque, conhecido como Gawe, apresenta sua música nos estilos Dark Wave e New Wave, com sons mais sintetizados, e lida com o estranhamento. “Na hora que a gente fala

**“MUITA GENTE
NÃO CONTA QUE,
ALÉM DE ARTISTAS,
COMPOSITORES,
ELES PRECISAM SER
GERENCIADORES
DA SUA PRÓPRIA
CARREIRA”**

JEFFERSON CARVALHO



assim: ‘Ah, é música autoral’... é a hora que as pessoas saem, é a hora que as pessoas mexem no celular”, constata.

Victor Gomes, o DJ Vituxo, que toca funk, k-pop e hip-hop, lamenta o preconceito, mas encontra acolhimento nos espaços LGBTQIAPN+, como o Esquina Bar e a Festa Trópico, que se tornam o refúgio para quem busca experimentar e oferecer oportunidade a novos talentos.

Guerra nas trincheiras

Sem estúdios de qualidade, isolamento acústico ou recursos financeiros para produções caras, os músicos se veem obrigados a suprir a carência de estrutura transformando quartos e escritórios em estúdios caseiros. O caminho é o “faça você mesmo”, que se torna a única rota viável para a música autoral na cidade.

“Os espaços de gravação são praticamente nulos”, constata André Cavaignac. Por isso, a banda Mortos optou por gravar seu material de forma totalmente independente, em esquema *home studio*, ou estúdio caseiro. A alternativa a essa autossuficiência extrema é a colaboração na cena underground. Gawe, que também encontra dificuldades de gravação, utiliza o selo musical independente Mother Morte, que oferece um estúdio e gravações para artistas que buscam o autoral.

O pop seguiu o mesmo caminho por necessidade: Jefferson Carvalho detalha a criação de seu primeiro EP, *Surreal*, que foi feito por ele e o produtor Neres no “quartinho”. Ele relata ter gravado os vocais em um estúdio de jingles por R\$ 50 a música. “Mas todo o resto foi feito lá no meu notebook”, lembra.

A luta continua na hora de colocar o som no mundo digital. O DJ Vituxo precisa usar plataformas como SoundCloud e Bandcamp para driblar as restrições de direitos autorais que o Spotify e o YouTube impõem a quem usa *beats* e vocais de terceiros em suas produções. Além disso, a falta de estrutura gera um desafio pessoal: a necessidade de se vender. Vituxo confessa que seu maior desafio hoje é “perder a vergonha de falar com a produção, com o produtor”, já que o músico precisa constantemente oferecer seu serviço para conseguir shows.

Gawe lida com o estranhamento da recepção de suas composições.

COLAGEM DE LAÉCIO RODRIGUES COM FOTOS DO ARQUIVO PESSOAL DOS ARTISTAS E IMAGENS DO FREEPIK.



Futuro otimista

A perspectiva de futuro se apoia na profissionalização e na crença inabalável no potencial da cidade. Os artistas demonstram a consciência de que o crescimento sustentável da arte depende da própria comunidade.

Jefferson Carvalho projeta um futuro ambicioso. Ele planeja lançar seu primeiro disco de trabalho, que será um encontro de todos os seus lados — funk, brega, reggaeton e o Maranhão da Mistura —, defendendo que a cena “já existe”. “A revolução vai vir da gente mesmo, dos artistas que estão nos seus bairros”. João Vitor Neres, por sua vez, recuperou a esperança e acredita que o reconhecimento há de vir, mas ressalta: “Sem fomento, não dá”.

A visão é compartilhada na cena alternativa. Gawe acredita em um horizonte “muito positivo”, que incentivará a nova geração a ser autoral e a “não ficar tão presa a coisas que já foram feitas”. O DJ Vituxo vê a necessidade de se “profissionalizar mais” para se diferenciar e ser contratado em outras cidades, reforçando que o futuro será “uma mistura de otimismo com desafio ao mesmo tempo”.

André Cavaignac encara os próximos anos como promissores e focados na autocritica e melhoria contínua. Ele visa à “integração e apoio mútuo” para que o rock e metal possam “fazer frente às culturas de massa”. Para manter sempre o cenário oxigenado, na sua opinião, é preciso canais abertos de comunicação respeitosa e, principalmente, “capacidade de inovação – novos eventos, novas abordagens de comunicação”. A cena está de pé, mas é necessário que o Estado e o mercado “abram as portas” para que a arte imperatrizense menos convencional prospere.

Futuro do cenário do pop e do rock em Imperatriz pode ser promissor se artistas apostarem no espírito coletivo.



Acesse no site



Nossos canais

www.zinesibita.ufma.br

@zinesibita